

A DESCONTINUIDADE RELIGIOSA
FAMILIAR:
TRÂNSITO RELIGIOSO ENTRE OS
PENTECOSTAIS

Family religious discounting:
Religious transit between pentecostais

Franc Casagrande Da Silva¹

¹ Mestrando em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); Graduado em Ciências da Religião pelo Centro Universitário Municipal de São José/SC (USJ). prof.cr.franc@gmail.com

RESUMO

O presente artigo objetivou a análise do fenômeno humano de trânsito religioso e as novas perspectivas de fé cristã como resultado de mobilidade religiosa. O objetivo mostra que é necessário investigar o deslocamento de fiéis entre as crenças pentecostais. Por essa razão, tem particular relevância, a investigação científica quando se trata de diversidade religiosa e suas matrizes, partindo da ideia que o foco de análise são os dados do censo de 2010, IBGE, no Brasil. Da mesma forma que o objetivo específico foca o trânsito entre as múltiplas denominações cristãs pentecostais. Para tanto, foi utilizado como método na coleta de dados a pesquisa bibliográfica e observações de campo. A partir da análise de dados foi possível perceber a importância da leitura indutiva dos gráficos do censo 2010 e a observação em uma igreja pentecostal histórica de Santa Catarina. Dessa forma constatou-se o deslocamento denominacional entre os jovens pentecostais até o não pertencimento religioso. Por fim foi possível comprovar que a hipótese da descontinuidade religiosa familiar tem dado números relevantes ao trânsito religioso brasileiro. Conclui-se também que não há, um, ou, dois, movimentos pentecostal clássicos e um grande bloco neopentecostal, mas há pentecostalismos no Brasil. Portanto, os sem religião antes de a autoafirmação de não pertencimento institucional já estiveram ligados a alguma igreja ou instituição de fé tradicional cristã.

Palavra-chave: descontinuidade religiosa. Trânsito religioso. Pentecostalismos. Jovens pentecostais

ABSTRACT

The present article aimed at analyzing the human phenomena of religious transit and the new perspectives of Christian faith as a result of religious mobility. The objective shows that it is necessary to investigate the displacement of believers among Pentecostal beliefs. For this reason, it has particular relevance, the scientific investigation when it comes to religious diversity and its matrices. Starting from the idea that the focus of analysis is the data of the 2010 census, IBGE, in Brazil. In the same way that the specific goal focuses the transit between the multiple denominations Pentecostal Christian. For that, the bibliographical research and field observations were used as data collection method. From the data analysis it was possible to understand the importance of the inductive reading of the 2010 census charts and the observation in a historical Pentecostal church in Santa Catarina. In this way the denominational displacement between the young Pentecostals was verified until the non-religious affiliation. Finally, it was possible to prove that the hypothesis of family religious discontinuity has given numbers relevant to the Brazilian religious transit. It is also concluded that there are not, one, or two, classical Pentecostal movements and a large neopentecostal block, but there are Pentecostalisms in Brazil. Therefore, those without religion before giving the self-assertion of non-institutional membership have already been linked to some church or institution of traditional Christian faith.

KEYWORDS: Religious discontinuity. Pentecostalisms. Young Pentecostals

INTRODUÇÃO: PANORAMA SOBRE O TEXTO E SUAS INVESTIGAÇÕES SOBRE O TEMA

Essa pesquisa delimitou-se a investigar o fenômeno de trânsito religioso entre os cristãos pentecostais, a importância da mesma está na junção entre observação em loco e bibliografias das ciências sociais e da religião. O tema da descontinuidade religiosa familiar é particularmente encontrado nas pesquisas dos programas das ciências sociais; Ciência da Religião e teologia. Tratando o deslocamento religioso como objeto de investigação científica, o texto está apoiado nessas duas primeiras áreas de conhecimento citadas. De forma geral a descontinuidade religiosa familiar está sedimentando as crenças cristãs tradicionais no Brasil; essa pesquisa foca o trajeto que o migrante religioso² faz, por onde ele se desloca. A descontinuidade religiosa familiar, conforme essa pesquisa expõe, está relacionada ao sentimento de não pertencimento religioso entre os evangélicos de uma faixa etária específica.

Portanto, buscou-se reunir dados/informações com o propósito de responder ao seguinte problema de pesquisa: Como a descontinuidade religiosa familiar coopera para o aumento do fluxo religioso entre os cristãos brasileiros? Com o recorte nos movimentos pentecostais, delimitando o raio de investigação, com duas frentes para analisar, pesquisa em loco e textos produzidos sobre o tema na última década. Atribui-se ao sentimento de não pertencimento as crenças tradicionais a sedimentação do cristianismo brasileiro, com certa razão, já que a causa não é apenas uma, por isso o objetivo geral da pesquisa é investigar os caminhos de mobilidade religiosa entre pentecostais. Nesse sentido, há outros fenômenos específicos aos pentecostaisismos que requerem análise indutiva.

É importante considerar que, para não termos generalizações ou reduções, a pesquisa apoiara-se nos pressupostos da Ciência da Religião, pois, a dinamicidade de mobilidade religiosa é um fenômeno humano. Julgou-se pertinente trazer ao centro da análise adâmica o tema do trânsito entre os pentecostais no Brasil, pois, sua relevância se justifica devido à necessidade de se delimitar um campo de investigação científica para mapear o fluxo entre os pentecostaisismos. No desenvolvimento do presente trabalho foram utilizadas pesquisas bibliográficas e de campo com observações na igreja evangélica assembleia de Deus da região

² Migrante religioso aqui não se refere aos migrantes que saíram de suas terras por perseguição religiosa como os casos recentes dos sírios que são obrigados pela guerra a migrarem. Aqui o migrante religioso é a pessoa que não encontra ou se sente pertencente ao tipo de rito, mito ou culto de uma determinada expressão religiosa.

metropolitana de Florianópolis em Santa Catarina. A pesquisa bibliográfica baseou-se em publicações científicas da área de Ciência da Religião e sociais, bem como em autores da metodologia científica para pesquisa. Assim sendo o fenômeno de trânsito religioso entre pentecostais foi investigado a luz do saber científico fugindo das reduções e generalizações que surgem como armadilha nessas produções textuais.

O mérito do método da Ciência da Religião está em seguir a investigação indutiva, pois, através desse modelo é possível sublinhar mito, rito, doutrinas e dogmas, sistematizando o tratamento dos dados coletados em campo e bibliográficos. O artigo foi estruturado em seis tópicos. O primeiro trata da metodologia de pesquisa, descreve quais métodos foram usados na investigação do fenômeno religioso e um breve relato sobre o conceito pentecostalismo, no um ponto um. No segundo fala sobre os conceitos básicos usados na formulação da pesquisa.

No tópico três os conceitos são alinhados ao tema do trabalho. O quarto tópico os elementos históricos e gráficos são expostos contextualizando o artigo no tempo histórico e contemporâneo. Já no quinto e quinto ponto um, o subtópico e o tópico investiga os gráficos e o que eles significam. O referencial teórico aparece no sexto, possibilitando o diálogo da pesquisa com outros autores e propõe uma discussão teórica com a realidade investigada nesse artigo e põe fim a conclusão contendo o ponto de vista do autor desse texto e suas considerações sobre as possíveis pesquisas para o censo de 2020.

1. TRÂNSITO RELIGIOSO ENTRE OS PENTECOSTAIS COMO OBJETO DE PESQUISA

Metodologia não se restringe apenas a forma gráfica, mas segundo Kampla (1972), constata-se que o método possibilita ao pesquisador contemplar o caminho que deve ser seguido, mesmo sem ter iniciado a caminhada, rumo ao objetivo desejado. Por se tratar de uma pesquisa participativa onde os dados coletados em campo a través de perguntas abertas, segundo Gonzalez (2005), pode-se dizer que o método qualitativo, não obstante, ser teórico não está desligado do empirismo na produção textual científica.

Conforme citado acima o método qualitativo usado para coleta dos dados, dando assim arcabouço empírico para a pesquisa. No tratamento dos mesmos usar-se-ão método indutivo, devido, se procura um fato geral para um grupo religioso sedimentado. Essa pesquisa tem a natureza indutiva, pois, segundo Prodanov e Freitas (2013), pode se dizer que a elaboração dos

saberes em micros sistemas servem como base ao macro. A escolha por esse método se deu devido à proposta da pesquisa ser entre grupos religiosos dentro de uma mesma crença cristã tradicional.

Pelo fato da pesquisa ser feita por um pesquisador que tem proximidade com o fenômeno religioso, a investigação exploratória também foi adotada por método, característica particular da Ciência da Religião de ser uma área de conhecimento multimetodologica, pois, conforme sublinha Bastos (2009), ao investigar-se fenômenos humanos, fica claro a complexidade dessa averiguação, pois, se consta o não aprofundamento no conhecimento da realidade pentecostal, então o perfil plurimetodologico da Ciência da Religião aqui se torna fundamental para tal desafio.

Devido ao uso de fontes bibliográficas e a proximidade do pesquisador com o fenômeno, fica evidente o modelo exploratória da pesquisa, pois, foi analisado os recentes textos produzidos sobre o trânsito religioso concomitantemente a pesquisa de campo. Assim os objetivos empíricos e teóricos podem ser alcançados, pois, ao recorrer as bibliografias referentes ao tema, constatou-se a versatilidade da exploração empírica.

Pautando-se em observações diretas, realizações de entrevistas semi-dirigidas; participação de jovens entre 15 e 25 anos, líderes religiosos e fiéis pentecostais, bem como alunos e professores da rede pública estadual de ensino. Ao longo da pesquisa foi fundamental a participação em eventos acadêmicos no campo da Ciência da Religião, pois, essa área do conhecimento atualmente investiga o trânsito religioso, portanto, cada etapa da pesquisa foi fundamental para apresentar os resultados da investigação, bem como trocar experiências com outros pesquisadores, via textos e em encontros nos eventos promovidos pelos programas de pesquisas das ciências sociais e religião.

Essa pesquisa surgiu durante os três semestres de estágio supervisionado, a observação em campo é parte do curso de graduação em Ciência da Religião (licenciatura plena em ensino religioso); e observações, de ao menos 2 anos, internas em uma comunidade evangélica pentecostal. Concomitante as observações seguiram as leituras de textos sobre o atual campo religioso brasileiro e suas modificadoras mudanças no relevo da paisagem religiosa no Brasil, segundo Teixeira e Menezes (2010) os gráficos do último censo de 2010 mostra apenas um lado da mudança.

Portanto, foram feitas observações em loco e leituras referentes as recentes mudanças no cenário religioso brasileiro, seguindo a proposta da pesquisa de natureza indutiva, pois,

quando há uma leitura do micro para o macro campo social, pode se dizer que dessa forma a análise de inúmeros fenômenos que envolvem a religião, ritos, mitos, etc. são melhor investigados. Sendo assim foram três semestres em escolas públicas estaduais na região metropolitana de Florianópolis/SC e ao menos dois anos de observações em uma comunidade evangélica pentecostal na mesma região. Seguindo os pressupostos da Ciência da Religião, constatou-se que essa mudança, embalada pelo trânsito religioso devido as múltiplas possibilidades denominacionais pentecostais, existente nos grandes centros urbanos do país.

1.1 PENTECOSTALISMO NO BRASIL

Segundo Campos e Araújo (*Da reforma protestante à Pentecostalidade da igreja e Dicionário do Movimento Pentecostal*) pentecostalismo brasileiro é um dos movimentos religiosos procedentes da reforma protestante que tem em seu bojo cultural a influência da cultura negra norte-americana e dos imigrantes europeus, asiáticos e latinos que chegaram nos Estados Unidos da América no século XIX. Como bem nos assegura Passos (*Pentecostais Origem e começo*), pentecostalismo brasileiro é um movimento cristão que nasce da experiência religiosa espiritual, fenômeno tipicamente com raízes em comunidades rurais, porém, com identidade urbana, pois, em um segundo momento histórico torna-se expressão de fé das periferias dos grandes centros urbanos nos EUA e na América latina.

Para o sociólogo Paul Freston (1994, p. 66) o conceito pentecostalismo brasileiro é usado para explicar as ondas pentecostais que surgiram no Brasil no início do século XX:

Pentecostalismo brasileiro permite A primeira onda, ainda nos primeiros anos do movimento pentecostal norte-americano, trouxe para o país, duas igrejas: a Congregação Cristã do Brasil (1910) e as Assembleias de Deus (1911). Essas igrejas dominaram amplamente o campo pentecostal durante quarenta anos (...). A segunda onda pentecostal ocorre na década de 50 e início dos anos 60, quando houve uma fragmentação do campo pentecostal e surgiram, entre muitos outros, três grandes grupos ainda ligados ao pentecostalismo clássico: Igreja do Evangelho Quadrangular (1951), Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil para Cristo (1955) e Igreja Pentecostal Deus é Amor (1962). Essa segunda onda coincidiu com o aumento do processo de urbanização do país e o crescimento acelerado das grandes cidades (...). A terceira onda histórica do pentecostalismo brasileiro começou no final dos anos 70 e ganhou força na década de 80, com o surgimento das igrejas denominadas neopentecostais, com sua ênfase na teologia da prosperidade. Sua representante máxima é a Igreja Universal do Reino de Deus (1977), mas existem outros grupos significativos como a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980) (FRESTON. 1994. p, 66)

Como se pode verificar nessa citação, pentecostalismo é um conceito flexível, pois, é aplicado nas ciências sociais e da religião bem como na teologia com o objetivo de delimitar a manifestação religiosa de grupos específicos e para definir um campo de pesquisa. Evidentemente a aplicação pode ser utilizada como conceito elástico, pentecostalismo brasileiro, delimita um modelo do movimento religioso não originário da América latina. O pentecostalismo brasileiro da conta, como conceito, das múltiplas formas de cultos pentecostais que chegaram no Brasil no início do século XX, ou seja, o pentecostalismo não é estanque.

Conforme Freston há ao menos três momentos da crença pentecostal no país, definidos por ele como às três ondas do pentecostalismo no Brasil. Um exemplo clássico desses momentos são as múltiplas denominações pentecostais; dessas, algumas chegaram no Brasil em tempos distintos e formaram outras no país carregando consigo a pluralidade religiosa brasileira, cada qual em tempos históricos particulares. Particulares, pois, algumas, dessas denominações são resultados do trânsito religioso brasileiro. Ainda para Freston (2011, p. 120):

No Brasil, eu diria que esse afunilamento não é tão abrupto assim, mas existe claramente. Aqui nós observamos que o pentecostalismo tem crescido sobretudo nas áreas mais dinâmicas da economia, ou seja, nas regiões metropolitanas do Sudeste e nas fronteiras agrícolas do Norte e do Centro oeste. Nas regiões metropolitanas, nós temos o fenômeno já bastante conhecido dos anéis pentecostais. O pentecostalismo cria um anel nas periferias em torno de um centro muito menos pentecostal. Nesse sentido, pentecostalismo brasileiro permite genericamente falando o pentecostalismo foi e é a voz religiosa da periferia. Não apenas de uma periferia geográfica, mas de uma periferia social (FRESTON. 2011. p, 120)

Logo, é importante compreender que o pentecostalismo brasileiro não é apenas uma expressão religiosa de dois grandes grupos. Esse movimento é plural, portanto, podemos pensar em pentecostalismos no Brasil, pois, há uma ressemantização conceitual quando lemos o contexto histórico pentecostal. Nesse sentido, não se exemplifica o pentecostalismo brasileiro como um movimento mono religioso, mas desde o período inicial o pentecostalismo proporcionou o trânsito em busca da originalidade pentecostal que está nas raízes dos primeiros cristãos, portanto, aglutinar a pluralidade pentecostal não corresponde ao que de fato é esse movimento.

2. DESCONTINUIDADE RELIGIOSA FAMILIAR E A FÉ TRADICIONAL

O trânsito religioso atual tem favorecido a rápida mudança da paisagem religiosa brasileira. Pode-se dizer que o fenômeno da descontinuidade religiosa familiar é fruto do desencantamento pela fé tradicional entre pais e filhos, como bem nos assegura Teixeira e

Menezes (2010). Neste contexto, fica claro que a diversidade religiosa e a multiplicidade denominacional entre os evangélicos têm proporcionado o trânsito entre as crenças religiosas cristãs e não cristã. O mais preocupante, contudo, é constatar que a laicidade do Estado não está sendo respeitada no que tange o ambiente escolar, onde a intolerância religiosa ainda é tratada como algo cultural.

É interessante, aliás, analisar que cada geração tem seus signos sociais, mas há um fato que se sobrepõe aos jovens na atualidade que seguem as dinâmicas das tendências pós-digitais de fluidez e sedimentação de padrões tradicionais incluído aqui os religiosos. Mesmo assim, não parece haver razão para que sejam feitas generalizações entre as denominações religiosas. Segundo Novaes (2010) é necessário fazer a leitura do quanto acelerado são os processos econômicos e culturais da sociedade onde essas gerações estão contextualizadas.

É importante ressaltar, pois, ao analisar textos e relatos de campo que a diversidade religiosa tem proporcionado um encastelamento das igrejas historicamente hegemônicas no Brasil, mas há um fato que se sobrepõe a isso, a isto é, o aumento da intolerância frente a pluralidade de credos. Mesmo assim, não parece haver razão para que diminua o sentimento e as práticas religiosas. É sinal de que há, enfim, um crescimento de denominações evangélicas pentecostais, seguindo o acelerado processo de sedimentação cultural conforme explicado acima.

Conforme verificado por Campos (2010), os evangélicos de missão estão diminuindo. Trata-se inegavelmente de um processo de descontinuidade da fé tradicional entre essas denominações religiosas, batistas, Adventistas do Sétimo dia, luteranos, presbiterianos, Metodistas e Congregacionais, seria um erro, porém, atribuir tal fenômeno apenas aos católicos. Assim, reveste-se de particular importância a leitura do próximo censo religioso que será feito no Brasil em 2020. Sob essa ótica, ganha particular relevância as pesquisas sobre a mobilidade religiosa e o acolhimento de novos modelos de cultos entre pentecostais, pois, o autor deixa claro que o neopentecostalismo cresce devido sua natureza sincrética.

Pode-se dizer que no texto de Regina Novaes, ela sublinha a acelerada modificação no cenário evangélico brasileiro devido à dinâmica social atual; conforme a pesquisa de Leonildo Silveira Campos essa comparação será feita em dois momentos. No primeiro o período dos anos 2000 à 2010, onde segundo a Unesco, houve uma diminuição de católicos para 62% e aumento de evangélicos para 18%, correspondendo ao decréscimo que Campos (2010. p, 154) “a firma em sua pesquisa, um aumento de pentecostais em 61,42% e do pequeno crescimento

dos evangélicos de missão 10% no intervalo entre 2000 a 2010; aqui se esconde um declínio dos grupos religiosos tradicionais e institucionalizados.”

O segundo considerará o hiato de 2010 até 2020 para projetar novas pesquisas. Todos os dados são de maneira usados para que se possa ler o campo religioso, “a particularidade dessa pesquisa foi a comparação entre as repostas de jovens 18 a 29 anos e de adultos de 30 a 60 anos” (NOVAES, 2010. p, 178). Conforme mencionado pelo autor. Conforme explicado acima o trânsito religioso entre os cristãos têm originado novas denominações cristãs, particularmente entre os evangélicos, por exemplo, metodistas migram para os movimentos pentecostais, esses transitam para o contexto neopentecostal e esse no que lhe concerne migra para os novos modelos de fé para-eclesiásticos; sublinhando que não é um ciclo. A descontinuidade apontada no parágrafo anterior no qual Novaes e Campos destacam as tendências futuras, nos gráficos do censo de 2010, para o campo religioso brasileiro.

Nos anos 2000, como Almeida chamou a atenção, constata-se uma circulação de ideias e práticas evangélicas para além das fronteiras institucionais, flexibilizou-se inclusive o vínculo institucional. O mesmo autor chegou a caracterizar um pentecostalismo de serviço, uma espécie de “magia de matriz cristã”, que abre a possibilidade de o pentecostalismo aparecer como segunda religião e também introduz certa tolerância doutrinária no interior das igrejas pentecostais. “Assim os jovens de hoje puderam observar (e naturalizar) histórias de conversão e de desconversão, de trânsitos e combinações no interior de suas famílias multirreligiosas e ao redor de seus locais de moradia” (NOVAES, 2010, p. 30).

A melhor maneira de compreender esse processo é considerar que o autor deixa claro o não pertencimento dos jovens a religião de sua família. Não se trata de um abandono total, seja porque não haja um confronto religioso ou, porque não há um embate existencial. Julgo pertinente trazer à tona os elementos levantados pela pesquisa para projetar os futuros desafios das igrejas tradicionais brasileiras. Sendo assim, o trânsito religioso é um fato social. Podemos perceber conforme citado acima que esse quadro remete não apenas a pluralidade, mas também a diversidade religiosa brasileira. Não é exagero afirmar que esse tema traz consigo um alerta para as denominações e igrejas tradicionais, pois, mediante a fluidez religiosa e o sentimento de sagrado é o primeiro a solidificar-se e sedimentar conforme Bauman, gerando assim novos paradigmas sociais e religiosos na cultura humana, possibilitando novas formas de crenças.

3. ALGUNS REFERÊNCIAS SOBRE O TRÂNSITO RELIGIOSO BRASILEIRO

O tema mostra o trânsito religioso, principalmente entre as igrejas históricas. Por essa razão, há particular relevância quando se trata de uma análise dos movimentos pentecostais clássicos, contemporâneos e suas variações denominacionais. Conforme Almeida (2006) ao denominar um “pentecostalismo de Serviço”. Mesmo porque se debate muito sobre neopentecostalismo e a teologia da prosperidade, tendo a igreja universal do reino de Deus (IURD), como o “paradigma” desse modelo de pentecostalismo brasileiro. Partindo da ideia que apenas essa denominação representa o neopentecostalismo. Não se trata de uma redução conceitual, mas sim de um recorte no atual contexto religioso brasileiro. Lamentavelmente, não podemos dar conta de toda realidade dos fenômenos da fé humana. É importante considerar que a dinamicidade social e cultural possibilitam o trânsito entre as comunidades de fé.

Como bem nos assegura Francisco (2014), pode-se dizer que o trânsito religioso entre os pentecostais é um fenômeno desde sua origem. Neste contexto, fica claro que desde o século XX eles migram entre si. Destaca-se, contudo, as tensões teológicas e doutrinárias que sedimentam o movimento pentecostal brasileiro. Não é exagero afirmar que os dogmas pentecostais os dividem, gerando cismas, esses são geradores de novas interpretações do próprio pentecostalismo. Assim, cada vez mais aumenta a disputa por fiéis entre os pentecostalismos, isso porque não se fomenta a coesão doutrinária e tão pouco a teológica entre as denominações de fé pentecostal.

Conforme explicado acima é interessante, aliás, as inúmeras formas de pentecostalismos no Brasil, mas há um fato que se sobrepõe a comum origem entre eles. Mesmo assim, não parece haver razão para aonde se busque uma originalidade pentecostal brasileira. É sinal de que há, enfim, desconhecimento mútuo sobre o lugar de nascimento desse movimento religioso operário norte-americano. Conforme verificado por Guerreiro (2006), o autor deixa claro a tensão teológica entre os pentecostais. Tratam-se inegavelmente de interpretações dos mesmos textos bíblicos, seria um erro, porém, atribuir o direito de originalidade pentecostal ao movimento brasileiro. Assim, reveste-se de particular importância a análise das tensões apologéticas que as denominações fazem umas contra as outras.

A melhor maneira de compreender esse processo é considerar que o deslocamento entre fiéis está na origem do movimento, conforme mencionado pelo autor Adilson José Francisco. Não se trata de um fato isolado, seja porque atualmente, conforme Silas Guerreiro o trânsito religioso pentecostal continua e “cresce” e se sedimenta no meio urbano, devido as possíveis

tensões teológicas ou desencantamento pelas lideranças religiosas. Julgo pertinente trazer à tona que entre os movimentos religiosos há mobilidade e nesse trânsito as bagagens culturais são elementos concretos que formatam as religiões que acolhem esses migrantes. “O pentecostalismo é uma religião majoritariamente urbana [...] movimento recém-surgido entre negros e operário na Los Angeles norte-americana.” (FRANCISCO, 2014, p. 49).

4. ANÁLISE DO CENSO RELIGIOSO DE 2010 E O TRÂNSITO ENTRE OS CRISTÃOS

Nessa época aconteceu um fato importante, ocorreram as primeiras declarações dos “não religiosos” em pesquisas afins. O contexto histórico aponta algumas pessoas que afirmarão não terem vínculo religioso com instituições de fé tradicionais do Brasil, jovens entre 15 a 29 anos que se autodeclararam sem pertencimento religioso, porém, sujeitos de fé. Os que hoje são conhecidos como os sem religião, que participam em movimentos para-eclésiásticos, esses já pertencerão por algum tempo a alguma instituição cristã tradicional, mas com a pluralidade pentecostal e a ressemantização do pertencimento religioso, esses migram entre as inúmeras denominações de fé.

No anos 2000, 7,4%, dos entrevistados se declaravam sem vínculo institucional religioso. Daí o surgimento de novos movimentos e a expectativa pelas próximas pesquisas, de certo modo, aconteceu um crescimento desse novo modelo de fé, pois, em 2010 o censo registrou que 8% dos entrevistados declararam-se não religiosos conforme Novaes (2010). Assim, reverte-se de particular importância para os estudos dos fenômenos religiosos e as igrejas históricas acompanharem o trânsito, origem e destino, de fiéis.

Não restam dúvidas de que durante as últimas décadas que antecedem o ano 2020; segundo Novaes (2010) obrigará-se a um novo período para observações, pois, o mapeamento desse fenômeno aproximará a teoria, de trânsito religioso, da real dimensão dos sem religião no Brasil. O que resultou, hoje, em artigos livros não dão conta do fluxo acelerado de mobilidade religiosa entre os pentecostalismos, fluxo esse que abastece os “guetos religiosos” dos sem religião. Cabe apontar que, apesar de termos uma produção considerável na área, surgem a cada dia novos modelos de crenças religiosas no país.

É importante ressaltar, com base em Silas Guerriero (2006), “Da década de 1960 quando as novas religiões começaram a surgir em maior número, até o presente momento, só aumentaram sua presença e visibilidade”. Em cima disso, os novos modelos de pentecostalismos iniciaram o trânsito religioso pelos veículos de mídias, nesse período histórico

como o rádio e a televisão e mais recentemente pela internet, ampliando assim suas territorialidades, ou seja, a sedimentação denominacional. Nesse sentido, os atuais movimentos de expressão de fé cristã marcaram um tempo de sincretismo, pois, missas na TV mais pareciam cultos evangélicos e os cultos pentecostais ganharam um perfil de show, atraindo assim fiéis de religiões tradicionais, iniciando um grande deslocamento de crentes entre as inúmeras denominações tradicionais e igrejas historicamente hegemônicas, no Brasil, dos séculos anteriores ao século XX.

A pesquisa referente ao trânsito religioso apontou que cerca de 64% dos entrevistados são católicos, segundo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas), corresponde a uma média de 123.280.172 pessoas. Dados divulgados pela pesquisa em 2010 mostram que o segundo grande grupo é o dos evangélicos de origem pentecostal 13,30%. Esse quadro mostra que o terceiro grande grupo é dos sem religião chegando aos 8% da população, os dados coletados mostram minimamente a trajetória que os fiéis percorrem entre as propostas religiosas brasileiras, confira a tabela das características gerais da população brasileira. Nessa tabela estão destacadas apenas as variações do cristianismo no Brasil, bem como os sem religião. Os números por sua natureza fria não descrevem minimamente a realidade do trânsito religioso

Censo Demográfico 2010 - Características Gerais da População - Resultados da Amostra									
Tabela 1.4.1 - População residente, por situação do domicílio e sexo, segundo os grupos de religião - Brasil - 2010									
Grupos de religião	População residente								
	Total	Homens	Mulheres	Situação do domicílio					
				Urbana			Rural		
				Sexo		Total	Sexo		
Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres				
Total (1)	190 755 799	93 406 990	97 348 809	160 934 649	77 715 676	83 218 972	29 821 150	15 691 314	14 129 837
Católica Apostólica Romana	123 280 172	61 180 316	62 099 856	100 055 896	48 872 817	51 183 078	23 224 277	12 307 499	10 916 778
Evangélicas	42 275 440	18 782 831	23 492 609	37 824 089	16 663 271	21 160 818	4 451 350	2 119 560	2 331 791
Evangélicas de Missão	7 686 827	3 409 082	4 277 745	6 795 67	2 978 485	3 816 682	891659	430 597	461063
Evangélicas de origem pentecos	25 370 484	11 273 195	14 097 289	22 371 352	9 855 098	12 516 253	2 999 132	1 418 097	1 581 035
Igreja Assembléia de Deus	12 314 410	5 586 520	6 727 891	10 366 497	4 662 726	5 703 772	1 947 913	923 794	1 024 119
Comunidade Evangélica	180 130	77 990	102 141	174 584	75 456	99 128	5 546	2 533	3 013
Outras igrejas Evangélicas de origem pentecostal	5 267 029	2 310 653	2 956 377	4 881 368	2 127 405	2 753 963	385 661	183 247	202 414
Sem religião	15 335 510	9 082 507	6 253 004	13 742 551	8 103 211	5 639 340	1 592 960	979 296	613 664
Não determinada e múltiplo pertencimento	643 598	302 807	340 791	591792	276 476	315 315	51807	26 331	25 475
definida	628 219	295 713	332 506	578 347	270 469	307 878	49 872	25 244	24 628
Declaração de múltipla religiosidade	15 379	7 094	8 284	13 445	6 007	7 438	1934	1087	847

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

(1) Inclusive as pessoas sem declaração de religião e Não sabe.

Fonte: Censo Demográfico 2010 Características gerais da população (tabela 1.4.1).

Conforme verificado por Campos (2010), o trânsito religioso fez aumentar o número de evangélico no Brasil. Trata-se inegavelmente de migração religiosa entre os cristãos tradicionais. Assim, é importante fazermos duas leituras primeiro o deslocamento, origem e

destinos, dessa migração entre cristãos no país e segundo o que representam esses números abaixo. Entre 1970 a 2010 o crescimento dos evangélicos no Brasil.

- Em 1970 eram 4.833.106 da população (5,2%).
- Em 1980 eram 7.885.650 da população (6,6%).
- Em 1991 eram 13.157.094 da população (9,0%).
- Em 2000 eram 26.452.174 da população (15,6%).
- Em 2010 eram 42.275.440 da população (22,2%).
- Em 2000 eram 26.452.174 da população (15,6%).

Segundo pesquisadores da área dos fenômenos religiosos, até 2020, levanta-se a hipótese que a população brasileira será evangélica em sua maioria. Portanto, torna-se evidente que o trânsito religioso tem origem nas religiões tradicionais para as novas denominações especificamente cristãs e quase nulo o movimento contrário. Vê-se, pois, que os novos movimentos religiosos brasileiros principalmente os de ramificações pentecostais continuam migrando entre os cristãos de igrejas semelhantes. Logo, é indiscutível o fato que a motivação desse deslocamento é o desencantamento com a liderança da igreja local e às vezes a troca de perspectiva na crença religiosa.

5. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS PARA ANÁLISE DO FENÔMENO DE TRÂNSITO RELIGIOSO

As pesquisas em ciências sociais, sociologia, antropologia e história se ocupam de analisar suas áreas e afins, assim os diversos fenômenos sociais servem com objeto de pesquisa. As áreas acima citadas tem o fenômeno de trânsito religioso como um dos seus objeto de pesquisa, porem a Ciência da Religião é a área de conhecimento específica para pesquisar as religiões em suas variações. Conforme destaca Usarski (2017).

Para Max Weber, a neutralidade na pesquisa está na coerência do método escolhido pelo pesquisador; uma característica metodológica, da Ciência da Religião, é propor o diálogo com diversas áreas das ciências humanas e sócias; mas essa particularidade não define o perfil de seus pressupostos. Epistemologicamente, tem sua neutralidade metodológica, mesmo com essa diversidade, a Ciência da Religião trata o fenômeno de deslocamento religioso sem desejar explicar ou provar sua “essência” como uma verdade plausível, essa área científica possibilita a análise indutiva, isto é, através do fracionamento analítico o pesquisador catalisa

o objeto de pesquisa, considerando a particularidade do ente pesquisado, conforme define Marcelo Camurça (2008).

O autor deixa claro que o Brasil é um campo fértil para se pensar o trânsito entre as religiões e suas mais diversas formas causais, sejam desdobramentos históricos; sociais; políticos; culturais e econômicos; dada a relevância que o fluxo denominacional entre pentecostais assume na sociedade brasileira, deixando de ser uma questão de fórum íntimo/cotidiano/prático, exercendo forte influência noutras dimensões da vida religiosa brasileira; onde cada vez mais há uma linha tênue entre o religioso e o secular, razão de muitos embates entre os estudiosos dos fenômenos de deslocamentos religiosos: Sociólogos, Antropólogos, Historiadores e Cientistas da Religião, como destaca Usarski (2017). Pode-se dizer que o cientista da religião enquanto pesquisador segue o método de sua área. Neste contexto, Frank Usarski deixa claro que método indutivo atende as demandas da pesquisa em Ciência da Religião. Conforme define Marcelo Camurça:

Enquanto uns, como Dreher, explicitam em núcleo duro que deve agir epistemologicamente a “disciplina básica”, estabelecendo uma hierarquia a partir da “centralidade da história e da fenomenologia da religião[como] o caráter auxiliar de outras disciplinas” (Dreher, 2001 p. 75), outros, como Usarski, dispensam o viés fenomenológico, centrando-se no método indutivo, no qual, em vez de uma essência por trás do fenômeno religioso, o pesquisador elege “recortes operativos” (por exemplo: rito, mito, ética) para estabelecer padrões formais de comparação, em estrutura e função, sem desconsiderar o singular de cada religião (CAMURÇA, 2008, p. 60).

A maioria dos estudos em ciências sociais ao tratar de religião parte do pressuposto social, pois, essa é área de atuação. A Ciência da Religião tem concentrado em sua epistemologia o fenômeno religioso e seus desdobramentos como ponto de partida. Assim sublinha Oliveira (2007), ao falar da ligação direta entre cultura humana e seu sentimento de pertencimento a crença religiosa. Conforme explicado acima ou nos fatores nesse texto citado. Pode-se pensar conforme Weber (1992) certa metodologia científica e educacional, pois, ambas aglutinam, a teoria do conhecimento, de modo que, o saber científico contém elementos didáticos em sua estrutura epistemológica. Quando nos referimos ao método científico, não reduzimos o conceito a forma de produção textual, consideramos sim a estética da escrita acadêmica, mas a metodologia científica está para além da estrutura para o texto formal.

5.1 DIALOGO ENTRE AS PESQUISAS SOBRE JOVENS SEM RELIGIÃO

Atribui-se aos jovens cristãos brasileiros a parcela maior dos que estão em constante deslocamento religioso, pois, as pessoas de meia-idade já estão estabelecidas em suas congregações de fé. Conforme sublinhado por Novaes e Teixeira (2010), com certa razão, já que essa faixa etária ainda busca por um pertencimento a uma crença. Nesse sentido, há certa contingência numérica nos grupos de jovens das igrejas tradicionais, o gatilho principal dessa ruptura com a crença familiar pode ser o fluxo religioso entre os cristãos. Outro fator que também pode ser considerado são as inúmeras plataformas de mídias sociais usadas para atrair novos fiéis entre as novas comunidades de fé cristã.

Pode-se dizer que é na vida escolar os horizontes começam a expandir-se para além da crença religiosa. Neste contexto, para Abhramo e Branco (2004) fica claro que a diminuição de jovens pentecostais no ensino médio e nas universidades não se trata de evasão escolar, mas de troca de paradigma religioso. Contudo, se constata que o não pertencimento religioso também é um causador da não continuidade religiosa familiar entre os cristãos no Brasil.

Conforme explicado acima, a melhor maneira de compreender esse processo está em considerar o cenário pós-digital como motivador da evasão religiosa. Não se trata de abandono escolar, seja porque, muitos jovens nas atuais igrejas pentecostais fazem da conquista acadêmica um presente de Deus, fruto de sua devoção ao mesmo. Julgo pertinente trazer à tona os novos movimentos de fé cristã que absorvem essa fatia do campo religioso brasileiro. De acordo com Novaes (2010, p. 179):

No Censo de 2010 perguntou-se qual é sua religião? As respostas a esta única pergunta foram classificadas em 66 distintas categorias e subcategorias. Os limites dessa única pergunta são evidentes. Há riscos de diferentes entendimentos sobre o que é religião. Abrem-se espaços para soluções contingentes para casos de respostas que não se encaixem na classificação adotada. Ter apenas uma pergunta limita a identificação de práticas, vínculos e crenças simultâneas (NOVAES, 2010. p, 79).

Por fim, podemos chegar à conclusão de que o trânsito religioso analisado pela Ciência da Religião se trata de um fenômeno próprio do seu tempo. Logo, é indiscutível que o desencantamento pelas lideranças e o não pertencimento a crença são dois sentimentos fundamentais encontrados entre os migrantes religiosos. Nesse sentido, é possível dizer que antes de se identificarem como sem religião quase todos já tiveram um contato com alguma igreja.

6. ORIGEM E DESTINO NO TRÂNSITO RELIGIOSO ENTRE PENTECOSTAIS

Esse estudo teve como propósito identificar o local de origem e chegada dos jovens que estão em trânsito religioso, entre os cristãos no Brasil, analisando o censo 2010 do IBGE. A pesquisa objetivou investigar o caminho, percorrido, entre a fé familiar, como origem, até a autodeclaração sem religião, posto isso, se identificou algumas paradas, entre o ponto de partida e chegada, gerando assim um tipo de mobilidade religiosa brasileira. Embasado nas pesquisas apresentadas por Novaes e Teixeira (2010), constatou-se que o sem religião já pertenceram a alguma instituição religiosa, devido ao desencantamento e a oferta de novas modalidades de crença migraram entre ao menos duas instituições cristãs. O autor deixa claro que a rapidez das mudanças econômicas e culturais contribuem com as atuais mudanças na paisagem religiosa brasileira, demonstrando que a vida religiosa não está alheia as coisas da vida cotidiana.

Pode se constatar que a dinamicidade social, gera a mobilidade entre as crenças cristãs. Assim sendo a pesquisa sublinha o não pertencimento religioso familiar como um fenômeno consequente ao descontentamento com líderes, ritos (cultos), mitos (origem das coisas) e dogmas (visão religiosa de mundo). Outro ponto fundamental que favorece o trânsito religioso atual é o surgimento de movimento para-eclesiais, que no seu escopo de culto não contem rituais tradicionalmente repetidos como no cristianismo tradicional, os jovens estão reencontrando o sentimento de pertencimento, mesmo que sedimentado. É interessante, aliás, segundo Novaes (2010) que as gerações têm signos de pertencimentos conforme explicado acima, ou seja. Para cada tempo tem um sentimento religioso em destaque. Um fato que se sobrepõe ao pertencimento, é o acolhimento feito por essas novas propostas religiosas pentecostais. Mesmo com todas as estratégias e rupturas feitas com a tradicional cristianismo, há, enfim, uma demanda de novos sentimentos a serem atendidos pelos cristãos.

É importante ressaltar que ao investigar especificamente o trânsito entre os pentecostais percebemos os inúmeros pentecostalismos e o nascimento dos para-eclesiais. Finalmente, os resultados estatísticos citados na pesquisa de Teixeira e Novaes deram forma para o que se imaginava, nesse sentido, é plausível o deslocamento entre pentecostais e evangélicos de missão.

Embora vários estudos tenham abordado o tema, sem religião, por exemplo, o texto de Marià Corbí, se concentra em mostrar a possibilidade de fé sem crença religiosa, já o de Novaes e Teixeira implica em descodificar os dados do censo 2010, com atenção para o trânsito entre cristãos e sublinha o fluxo entre os pentecostalismos. Pode-se dizer que devido à atual liberdade religiosa no Brasil, tem-se a possibilidade de não ter religião. Neste contexto, para Peirucci (2006) fica claro, conforme explicado acima, que a ausência de religião não significa não ter fé. O mais preocupante, contudo, é constatar que os métodos de coletas de dados ainda tratam esse fenômeno como outras formas de religião.

Diante desses dados, cabem alguns questionamentos: como se dá o trânsito religioso? O sentimento de não pertencimento é um fenômeno atual? O pentecostalismo é o maior fornecedor de fiéis para os novos movimentos religiosos? Não cabe, portanto, traçar uma resposta uniforme para esses questionamentos. Trata-se certamente, de um conjunto de resultados contingentes e denominacionais. Mesmo aí! Exige-se cautela para afirmar que apenas os pentecostais migram entre as denominações e a atualidade do fluxo de crentes tradicionais para as novas propostas de fé é um fato devido à recente liberdade de credo no Brasil. Também parece aceitável a hipótese que o trânsito religioso é resultado da diversidade religiosa atual no país e a pluralidade entre os pentecostais.

É preciso, porém, ir mais além e destacar o aumento de candidatos evangélicos eleitos na última eleição federal. É exatamente o caso que a pesquisa mostra, por exemplo, o crescimento dos pentecostais no Brasil. Por todas essas razões, liberdade de trânsito entre os cristãos e flexibilidade doutrinária por parte dos novos movimentos, é notório que isso resulte em um sentimento de não pertencimento institucional religioso. O que importa, portanto, é modificar o foco para novas pesquisas com recorte aos paracelesíacos. Essa, porém, é uma tarefa que cientistas da religião, sociólogos e áreas afins desenvolveram.

Por esse motivo conforme explicado acima Francisco (2014), os novos modelos de administração eclesiais focam na hegemonia da comunicação através das redes sociais e mídias, em geral, nesse mesmo pensamento eles entendem que é fundamental terem seus representantes nas esferas políticas. Os resultados da pesquisa bibliográfica e de campo mostram que a descontinuidade ou a não-transmissão religiosa familiar, estão engrossando as fileiras de pesquisas nas ciências sociais e da religião.

Pesquisa, por exemplo, de Ronaldo Barbosa: transmissão religiosa familiar; o texto: Culturas religiosas errantes — o que o censo de 2010 pode nos dizer, escrito por Leila Amaral; e a pesquisa de Regina Novaes: Jovens sem religião: sinais de outro tempo. O que indica que “o tema da transmissão religiosa família intrafamiliar evoca, quase que de forma imperativa as noções de diferenças geracionais” (BARBOSA, 2010. p. 315). Por fim, podemos chegar à conclusão de que o sem religião é o local de destino final do trânsito religioso pentecostal. Logo, é indiscutível que a transmissão religiosa intrafamiliar está de vez diminuindo, pois, não está mais havendo conversão em massa nas famílias pentecostais nos grandes centros urbanos. Nesse sentido, a pesquisa aponta que antes dos jovens tornarem-se sujeitos sem religião eles compõem os movimentos para-eclesiásticos brasileiros.

CONCLUSÃO

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou um olhar textual para o fenômeno de trânsito religioso cristão e suas implicações. A análise dos textos e a pesquisa em loco serviram como base da construção do trabalho científico. Ainda assim não se esgotam as informações e as possibilidades de olhares diferentes, pois, essa pesquisa apenas corrobora com o que já foi produzido sobre o tema. De modo geral os textos analisados deram uma visão ampla no que tange mobilidade religiosa e o trânsito religioso entre os pentecostais. As observações de campo deram substancialidade para pesquisa, pois, na rotina de uma igreja pentecostal histórica é possível ver as saídas e chegadas de crentes.

Os jovens evangélicos de fato alimentam o trânsito entre as denominações, mas o pentecostais são proselitistas entre os prosélitos, quase marqueteiros religiosos. O que se buscou com a pesquisa de fato foi alcançado, pois, entendemos que existem lugares percorridos pelos que transitam entre as igrejas até serem autodeclarados sem religião. Os resultados desse quadro são devidos as múltiplas possibilidades de crença cristão no Brasil de hoje, pois, foram nos textos de pesquisadores das mais diferentes áreas que se chegou a essa afirmação. Por isso, fica evidente que a pesquisa em loco está alinhada com literaturas e artigos lidos para a construção desse texto. Espera-se, dessa forma que os pesquisadores da Ciência da Religião e teologia percebam que são necessários ambos os métodos.

Como explicado acima, os pesquisadores precisam ir a campo para uma pesquisa consistente, principalmente os cientistas da religião, com todas as técnicas adquiridas em sala

de aula; com leituras sobre o método da Ciência da Religião e com um olhar científico ao fenômeno. Por fim, podemos chegar à conclusão de que os sem religião percorreram um longo caminho até seu local nos gráficos do censo 2010 do IBGE, ocupando a terceira posição na classificação das grandes expressões de fé no Brasil. Logo, é indiscutível que o trânsito religioso é um fenômeno, sobretudo humano, em suas mais diferentes categorias. Nesse sentido, é possível dizer que essa pesquisa tem sua parcela de contribuição não apenas para a Ciência da Religião, mas para as humanas também. Deixando aqui uma proposta para pesquisas futuras sobre os movimentos para-eclésiásticos, pois, ainda é um movimento religioso em formação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BAUMAN, Z. Modernidade líquida. Rio de Janeiro. Zahar, 2001.
2. CAMPOS, Leonildo Silveira. “Evangélicos de missão” em declínio no Brasil – Exercícios de demografia religiosa à margem do Censo de 2010. In. TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. Religiões em movimento: o Censo de 2010. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.
3. GUERRIERO, S. NOVOS MOVIMENTOS RELIGIOSOS: O QUADRO BRASILEIRO. SÃO PAULO. PAULINAS, 2006
4. FAUSTINO TEIXEIRA, RENATA MENEZES (orgs). Religiões em movimento: o censo de 2010. Petropolis, RJ. Vozes, 2013.
5. FRANCISCO, A JOSÉ. TRÂNSITO religiosos, cultura e mídia: a expansão neopentecostal. São Paulo. Paulus, 2014.
6. FRESTON, P. Religião, desenvolvimento e violência. Dossiê, 2011.
7. IBGE, Censo 2010. Manual do Recenseador CD–1.09. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.
8. PIERUCCI, Antônio Flávio. "Bye bye, Brasil": o declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. Estudos avançados, São Paulo, v. 18, n. 52, 2004, p. 17-28.
9. USARSKI, F. Cosntituintes da Ciencia da Religião: cinco em prol de uma disciplina autônoma. São Paulo. Paulinas, 2006.

